

A MISSÃO DA IGREJA NO CONTEXTO DA MOBILIDADE HUMANA

Um breve olhar sobre a migração forçada a partir do contexto neoliberal

THE CHURCH'S MISSION ON THE CONTEXT OF HUMAN MOBILITY

A brief sight on forced migration on the neoliberal context

*Cornélio Raimundo Mucache**

* Mestrando em Educação Pela UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba.

Resumo:

Trata-se de um olhar sobre a migração forçada a partir da leitura do atual contexto de globalização excludente e neoliberalismo. O paradigma neoliberal através de seus mecanismos atravessa a vida de todo o ser humano e causa efeitos no espaço relacional. Algumas das causas são: a exploração, a guerra, a perseguição política, a fome, a falta de oportunidades para vida, etc., que provocam as migrações forçadas em lugares ou países afetados. Nesse contexto, o Brasil vem sendo, nos últimos anos, eleito pelos migrantes como um paraíso e oportunidade para a vida. A Igreja do Brasil, em sua tarefa missionária, e através de obras religiosas vem desempenhando um papel importantíssimo na mediação para que os migrantes da globalização encontrem conforto. A missão da Igreja neste contexto visa o resgate da dignidade humana, independentemente da raça, língua, nação, sexo, cor.

Palavras-Chave: Missão, Migração forçada, Mobilidade Humana, Globalização excludente e Neoliberalismo.

Abstract:

This is a look at the forced migration from reading of the current context of excluding globalization and neoliberalism. The neoliberal paradigm through its mechanisms crosses the life of every human being and has effects on the relational space. Some of the reasons are: exploitation, war, political persecution, hunger, lack of life opportunities, etc., which cause forced migration in affected places or countries. In this context, migrants have elected Brazil a paradise and the opportunity of life. The Church of Brazil, with its missionary and religious works, has played an important role of the mediator for migrants of globalization to find comfort. The mission of the Church in this context aims at the rescue of human dignity, regardless race, language, nation, gender, and colour.

Keywords: Mission, forced migration, human mobility, excluding globalization and neoliberalism.

Introdução

A migração entendida no contexto da mobilidade humana, não é apenas preocupação dos governos dos países afetados, mas também é inquietação da Igreja, é preocupação de todos nós. Em nossos dias, o fenômeno da mobilidade humana forçada tem despertado atenção em nível internacional. Esta atenção causa diversas reações: muitas vezes de compaixão e solidariedade, outras vezes de desconfiança, preconceito, discriminação racial, cultural, ameaça, medo, etc. Dito de outro modo, o fenômeno migratório é visto depreciativamente como um perigo, uma ameaça para a manutenção da ordem vigente.

Nesta reflexão, o ponto de partida é olhar *o mundo e a realidade do contexto sócio econômico em que dois terços da humanidade estão excluídos do banquete da vida*.¹ Realidade de disparidades quase imagináveis entre as pessoas mais ricas dos países mais ricos e as pobres dos países pobres; por que hoje cresce cada vez mais a mobilidade humana forçada?

Neste artigo pretende-se diante da realidade da migração, trazer uma breve chave de leitura de uma das causas da mobilidade humana forçada e, em segundo momento, mostrar que ações, posturas e atividades desenvolvidas pela Igreja do Brasil para mitigar este deplorável cenário e, por último,

¹ Cf. A. COSTALUNGA, *Globalização excludente, Trindade e Evangelização no contexto do Continente Americano*. Saabrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014, p. 13

mostrar como deveríamos alinhar as práticas missionárias da Igreja para este momento de *globalização excludente* tendo em conta que estamos passando de uma Igreja que tem missões para uma Igreja missionária por sua natureza. Esta é a trajetória que vamos seguir neste pequeno artigo.

Um olhar sobre a realidade

O ponto de partida deste texto é olhar o mundo e a realidade do contexto socioeconômico em que dois terços da humanidade estão excluídos do banquete da vida. Quer dizer, estamos diante de uma realidade de disparidades quase imagináveis entre as pessoas mais ricas dos países mais ricos e as pobres dos países pobres.² Enfim, a nossa situação socioeconômica é esta: uma minoria dos habitantes do planeta detém a maior parte da riqueza e, como consequência, goza de um bem-estar material exagerado, enquanto a maioria da população do globo ainda se debate na luta pela sobrevivência.³ Neste conjunto de contrastes cresce cada vez mais a mobilidade humana forçada. Qual a razão desse aumento? Que motivos estão na origem deste fenômeno?

Até o século XVIII dominava o imperialismo. Aqui entendemos o imperialismo como sendo a política ligada à expansão ou tendência da expansão do poder político e econômico de uma nação sobre outras.⁴ A economia, na lógica imperialista, fica acumulada nas mãos de grupos econômicos de poucos países e não na livre circulação da riqueza.

Para reagir contra o imperialismo econômico, surge então no final do século XVIII e começo do século XIX, a ideologia neoliberal. A ideologia neoliberal ou neoliberalismo, segundo a definição de David Harvey, é uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano seja mais bem promovido, confiando na liberdade e capacidades empreendedoras de indivíduos no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos à propriedade privada, a mercados livres e ao livre comércio.⁵ O objetivo do programa neoliberal nesta ótica: maximizar o lucro.

Costalunga assim sintetiza as promessas do neoliberalismo:

A grande promessa do projeto neoliberal é a de produzir abundância de bens e felicidade para todos, através do livre mercado das grandes corporações financeiras. A *defesa da liberdade total* nas relações econômicas é justificada pela promessa de um rápido

² Cf. D. PAPINEAU (editor), *Filosofia: grandes pensadores, principais fundamentos e escolas filosóficas*. São Paulo: Publifolha, 2009, p.

³ Cf. A. da SILVA. *Amós: um profeta politicamente incorreto*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 10.

⁴ Cf. DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Globo, 1961, p. 178.

⁵ Cf. D. HARVEY, *O Neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 12.

enriquecimento individual a qualquer custo. Para isso acontecer, a esfera econômica precisa reger a vida política. O poder político-intervencionista dos Estados deve ser reduzido.⁶

⁶ A. COSTALUNGA, *Globalização excludente, Trindade e Evangelização no contexto do Continente Americano*, p. 27.

⁷ Cf. D. AZAMBUJA, *Introdução à ciência política*. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 174.

⁸ D. HARVEY, *O Neoliberalismo: história e implicações*, op. cit., p. 12.

⁹ Ibidem.

Como se pode notar, o Estado que tem como um dos escopos, exercer o poder realizando vários serviços para o bem-estar e o progresso da coletividade, ao promover a realização do bem público.⁷ Na lógica do neoliberalismo não se pode e nem se deve intervir nos assuntos que dizem respeito ao comércio. Harvey afirma:

O papel do Estado é criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a essas práticas; o Estado tem de garantir, por exemplo, a qualidade e a integridade do dinheiro. Deve também estabelecer as estruturas e funções militares de defesa, da política e legais requeridas para garantir direitos de propriedades individuais e para assegurar, se necessário pela força o funcionamento apropriado dos mercados. (...) o Estado não deve aventurar-se para além dessas tarefas.⁸

No fundo, o neoliberalismo formata o Estado para que este não possa intervir no comércio mesmo que haja roubo e abusos no mercado, pois, o Estado é visto como uma entidade que *não possui informações suficientes para entender devidamente os sinais do mercado (preços)*. Daí que o neoliberalismo não está interessado em satisfazer as necessidades do povo e nem reduzir a pobreza, embora se tenha comprometido *produzir abundância de bens e felicidade para todos*; está sim interessado para enriquecer algumas pessoas de alguns países.⁹

Causas políticas e econômicas

Depois da Segunda Guerra Mundial, o mercado livre coloca-se a serviço dos interesses dos Estados Unidos e das empresas norte-americanas. No jogo de forças, as nações mais fracas não conseguirão resistir às pressões dos Estados Unidos e como mecanismo de sobrevivência, tais nações terão que se submeter aos planos políticos dos Estados Unidos. Tem início um processo de submissão das nações mais fracas aos Estados Unidos

O tempo passa e o neoliberalismo consolida-se fazendo com que o sistema econômico fique orquestrado e concentrado mundialmente nas mãos do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial (BM), do Banco Internacional de Desenvolvimento (BID), e da Organiza-

ção Mundial do Comércio (OMC).¹⁰ Enfim, o dinheiro fica acumulado e nunca chega às mãos do povo. Por consequência, a grande maioria da população é condenada a viver na miséria.

No entanto, notamos que aquela grande promessa do projeto do neoliberalismo de *produzir abundância de bens e felicidade para todos, através do livre mercado das grandes corporações financeiras* não atingiu os seus objetivos, não libertou a humanidade da penúria e da pobreza tradicional, não conseguiu fazer do homem e da mulher artífices da sua riqueza e da sua prosperidade.¹¹ Em termos porcentuais, o neoliberalismo fracassa no cumprimento das suas promessas, pois conseguiu deixar 80% da população mundial na pobreza e à margem da vida digna. Esse povo obrigatoriamente deve procurar formas de sobreviver. As vítimas do projeto neoliberal de que não foram autores, doravante devem procurar mecanismos de sobrevivência: mobilidade humana forçada.

Homens, mulheres, jovens e crianças são forçados a abandonarem suas terras para um destino às vezes incerto, que é fruto da globalização excludente que alimentado pela ideologia do neoliberalismo aumentou a separação entre riqueza e pobreza, e miséria entre abundância, diminuiu, embora tenha as distâncias entre as pessoas e os países, tanto pela circulação dos produtos como dos seres humanos.¹² É dentro deste contexto que podemos entender a situação da mobilidade humana forçada. A circulação de informação cria expectativas que forçam a mobilidade.

Qual é o destino do povo que sai em suas terras para procurar melhores condições de vida?

Migrantes: em busca de mais vida

Como se observou nos tópicos precedentes, as pessoas vítimas desse modelo econômico são forçadas a abandonar sua terra, sua família, sua cultura e toda beleza de viver em solo que os viu a nascer. Eles devem ir para lugares por vezes incertos. Vejamos em então alguns destinos destas pessoas: EUA, União Europeia e Brasil, especificamente, em São Paulo; lugares estes considerados como *paraísos* mais procurados pelos imigrantes da globalização.

Em geral os migrantes no local de chegada sofrem várias formas de tratamento. Ora, são vítimas de intolerância, racismo, discriminação; xenofobia como forma de preconceito, desenvolvendo-se em sentimentos de ódio; *estrangeiro* visto como ameaça econômica e cultural, e considerado como

¹⁰ Cf. A. COSTALUNGA, *Globalização excludente*, op. cit., p. 42.

¹¹ Cf. Idem, p. 28.

¹² R. R. PATTUSSI, *Cidadãos do mundo*. 2009. Trabalho de conclusão do curso de teologia. Instituto São Paulo de Estudos Superiores – ITESP, São Paulo, 2009, p. 11.

porta da crise econômica e social; o estrangeiro é visto de forma depreciativa.

Embora sofram estigma pela situação de que não são culpados, os migrantes carregam dentro de si um sonho de um mundo universal mais justo, solidário, e acima de tudo, sem fronteiras que respeite os direitos humanos dos deslocados.

Desafios à fé e resposta eclesial aos fenômenos migratórios

Diante da conjuntura de globalização excludente, a Igreja do Brasil mostrou-se extremamente sensível à causa migratória, principalmente dos *migrantes empobrecidos*, as vítimas de violência institucionalizada.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Conferência Episcopal Latina Americana (CELAM), as Congregações Religiosas e Laicatos, à luz do Concílio Vaticano II comprometeram-se a dar início a um trabalho sociopastoral de articulação e orientação de todas as forças solidárias com a causa migratória.

Depois desta tomada de consciência, a Igreja realizou vários eventos com um olhar voltado fenômeno migratório. Eis, então, que em 1978 foi realizado o Congresso dos Organismos Católicos de Migração que visava discutir a conjuntura social concernente às migrações forçadas; em 1980 a Campanha de Fraternidade (CF) com o lema *Para onde vais?* que visava chamar atenção humanidade para que cada um neste orbe se colocasse na situação do migrante e descobrisse o quanto é importante que todos colaborassem para o surgimento de uma sociedade fraterna, na qual cada um tivesse tudo o que é necessário à sua dignidade de filho de Deus. Em 1981 foi celebrada a primeira semana do migrante com o lema: *Porque somos obrigados a sair de nossa terra*. E, em 1985 nasceu o Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM).

De uma Igreja de Missões para uma Igreja missionária.

Frente a triste realidade da mobilidade humana forçada, perguntamos: *Como passar de uma Igreja que tem missões para uma Igreja missionária por sua natureza?* A realidade é global e, para combatê-la, precisam-se assumir certas posturas, como por exemplo, apoiar as iniciativas de construção de uma vida digna; somar forças para desarticular a pirâmide neoliberal.

A Igreja hoje não precisa viver do seu particularismo. Para se tornar missionária por sua natureza igualmente pre-

cisa somar forças aderindo e promovendo os valores que priorizam a vida; a Igreja deve abrir os olhos frente à realidade e reconhecer que o problema é global e se combate organizando-se em corporações. A tais, a Igreja não pode ficar alheia.

A Igreja deve alentar e favorecer os esforços do povo para criar e desenvolver suas próprias organizações de base, pela reivindicação de seus direitos e busca de uma verdadeira justiça (Medellín). Precisa a Igreja reafirmar a luta pela sobrevivência participativa a partir dos excluídos não visando apenas incluí-los no mercado neoliberal, mas sim a mudança estrutural das nossas sociedades. Em atmosfera da encíclica *Laudato Si'*: a Igreja também deve se preocupar pelo *cuidado da casa comum* e tudo o que ela encera.

Enfim,

A missão eclesial encontra-se hoje neste contexto mundial de sinais de esperança. Encontra-se entre os 80% da população da população excluída dos benefícios sociais e ao mesmo tempo ao lado dos 20% da população privilegiada pelo iníquo sistema global do neoliberalismo excludente. A partir da realidade em que deve optar preferencialmente, o Povo de Deus é chamado a promover, apoiar, incentivar e defender projetos que beneficiem e construam um mundo alternativo, que seja casa dos pobres onde caibam todos. Onde todos colaborem para construir o caminho, ou seja, para construir a Igreja em estado permanente de Missão.¹⁵

Se hoje a Igreja encontra-se entre os 80% da população excluída de uma vida digna e dos 20% dos que possuem toda a riqueza do mundo, vale a pena cada um se perguntar: *De que lado eu me sinto pertencer? As nossas atividades pastorais estão a serviço de que estrutura: a que mantém a opressão e a exploração ou ao lado dos oprimidos assumindo-os como nossa opção preferencial?* São questões que dia e noite nos são colocadas ao olhar os exemplos de Jesus. Há de se procurar acertar os passos pastorais.

Considerações finais

O estudo em torno da mobilidade humana forçada, ou seja, das migrações e refúgios, são ainda hoje um problema. Apesar das tensões e conflitos, a Igreja assim como todas as instituições filantrópicas se tornaram espaços de manutenção no resgate da vida humana e relações sociais saudáveis.

¹⁵ A. BRIGHENTI apud A. COSTALUNGA, *Globalização excludente*, op. cit., pp. 103-104.

Embora se tenha ainda dificuldades pela conjuntura atual orquestrado por um sistema global que embrutece os valores humanos, há um esforço gigantesco por partes de mulheres e homens de boa vontade, que juntos reencantam os migrantes e refugiados, proporcionando-lhes uma esperança de vida.

São pessoas leigas espalhadas por o todo Brasil que, no seu cotidiano e pelo sim à vida, restituem o poder de viver a indivíduos que, sem moradia, mantimentos, trabalho e saúde, perambulam em ruas de São Paulo. Às pessoas que passam riscos atravessando o Mediterrâneo sem rumo, aos povos do Oriente Médio a ceifa de vidas humanas, por causas de políticas desumanas, é o pão de cada dia.

Demonstraram-se, nesta reflexão, que as migrações forçadas são frutos de um sistema excludente. Por isso, constata-se a necessidade de se reavaliar as posturas sociais no que tange ao acolhimento do outro, sem exceção de cultura, raça, religião, orientação sexual.